

## Do conhecimento afetivo ao desejo racional na Ética de Espinosa

### From affective knowledge to rational desire in Spinoza's Ethics

ADRIANA CHIMENEZ AVILES DE LIMA<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho procura investigar os processos de conhecimento na Ética de Espinosa ordenados através da razão, e o papel desempenhado pelos afetos no conhecimento. Mostramos que o conhecimento é um poderoso afeto quando a razão não sofre influências externas e torna-se afetiva. Este artigo é uma leitura introdutória da ciência dos afetos de Espinosa, que propõe um modo mais eficiente de governar nossa vida e nossas paixões, garantindo uma ação mais livre e autônoma. Para tanto, a leitura da obra de Espinosa tem o objetivo de evidenciar a ausência de hierarquia entre mente e corpo no funcionamento de um organismo enquanto constrói seu próprio conhecimento de si e do mundo.

**Palavras-chave:** Espinosa. Afeto. Desejo. Conhecimento.

**Abstract:** The present work seeks to investigate the knowledge processes in Spinoza's Ethics ordered by reason, and the role played by affects in knowledge. We show that knowledge is a powerful affect when reason is not influenced externally and becomes affective. This article is an introductory reading of the science of Spinoza's affections, which proposes a more efficient way of governing our lives and our passions, ensuring freer and more autonomous action. To this end, the reading of Spinoza's work aims to highlight the absence of hierarchy between mind and body in the functioning of an organism while building its own knowledge of itself and the world.

**Keywords:** Espinosa. Affection. Desire. Knowledge.

A filosofia de Baruc Espinosa apresenta a manifestação característica da metafísica do pensamento do século XVII articulada com a nova concepção da mecânica da natureza. A partir de suas proposições e demonstrações, ele expõe suas ideias num sistema filosófico que tem como marco supremo a obra *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*<sup>2</sup>, onde expõe uma das possíveis maneiras de conceber o mundo e a posição do homem no universo. Nas suas considerações, apresenta a relação entre conhecimento e afetividade de forma muito objetiva, um modo de conhecimento também influenciado pelos sentidos do corpo, e não separado da razão.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social pela Universidade São Marcos de São Paulo. Graduação em Filosofia no Centro Universitário Assunção – UNIFAI em São Paulo. Integra o grupo de Estudos Filosóficos Espinosanos da Universidade de São Paulo. Especialização em Filosofia Contemporânea e História na Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: adrianadilima@gmail.com.

<sup>2</sup> A tradução da obra *Ética* adotada para a elaboração deste trabalho foi: ESPINOSA, B. *Ética*. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Edusp, 2015. Adotamos a seguinte notação para as citações: *Ética*: E, seguida por algarismo romano para as partes da obra, proposição: P, com seu número em algarismo arábico, definição: def., demonstração: dem., axioma: ax., escólio: esc., e corolário: cor. Além disso, conforme nos for conveniente, abreviaremos o nome das demais obras.

A obra traz uma ontologia universal, porque é a teoria do Ser, uma lógica porque a teoria do Ser é a explicitação da inteligibilidade deste Ser, e uma antropologia, porque define o ser humano (ESPINOSA, 1983). O filósofo traça um modelo através de definições e proposições que pretende levar o indivíduo do conhecimento à liberdade.

Literalmente: “**pela ordem geométrica**”, significa, segundo MORA (2004), estar de acordo com a ordem (de demonstração) seguida na geometria, com bases em definições, axiomas, teoremas e corolários. É considerada uma ordem de apresentação, equiparado ao método de composição ou síntese, distinguindo-se da ordem (método) de invenção, equiparando-se ao método de resolução ou análise.

Os conceitos de **definição** e **axioma** foram devidamente considerados pelo filósofo da seguinte forma: “a noção de **axioma**, em si mesma, é mais extensa que a de definição, em virtude dela abranger as verdades eternas, enquanto a definição somente é aplicável à essência das coisas ou às afeções delas” (ESPINOSA, 1983, p.77).

Ainda sobre o termo **definição**, Espinosa escreve por correspondência na carta 9 à De Vries, uma das figuras proeminentes de Amsterdã, o qual o filósofo trocava várias correspondências: “serve para investigar a essência de uma coisa, a boa definição é aquela que se pode conceber – Primeiro: que não há contradição interna; - Segundo: que por ela se apreende a gênese do definido e que é somente dubitativa, daquela que é proposta, apenas para ser examinada”.

A filosofia de Espinosa na *Ética* ainda é apresentada por meio dos termos proposição, demonstração, escólio que é apenas comentário ou explicação de uma proposição, e corolário, vistos a seguir. A **proposição**, segundo Abbagnano (2015), a partir de Descartes (englobando o contexto da época de Espinosa) é substituída pelo significado de “juízo”, porque a atenção da lógica filosófica estará cada vez mais concentrada na operação intelectual que encontra expressão na proposição. Pelo termo **demonstração**, para os racionalistas a relação princípio-consequência, se reduzindo a causa-efeito é onde tende a basear toda demonstração (MORA, 2004). E finalmente **corolário**, é o que se deduz de uma demonstração precedente, como uma espécie de acréscimo ou ganho extraordinário (ABBAGNANO, 2015).

A obra **Ética** é formada por cinco partes apresentadas da seguinte forma:

- I. Sobre Deus
- II. Sobre a Natureza e a Origem da Mente
- III. Sobre a Origem e a Natureza dos Afetos
- IV. Sobre a Servidão Humana, ou sobre a Força dos Afetos
- V. Sobre a Potência do Intelecto, ou sobre a Liberdade Humana

“A *Ética* é exposta como o livro inteligível em si mesmo, que pode ser lido e compreendido em si mesmo. Nesse livro, ordens de vida, de Natureza e de conhecimento estão entrelaçadas”. (CHAUI, 1999, p. 670).

Espinosa foi um dos primeiros autores modernos a conceder aos afetos<sup>3</sup> (*affectus*) e afecções<sup>4</sup> (*affectio*), a dignidade e a legitimidade da reflexão filosófica, os afetos têm grande importância nos processos de conhecimento. O conhecimento pela afetividade dirigirá uma parte de artigo, que não tem a pretensão de ser exaustivo, mas que proporcionará direções a explorar.

O conceito de afeto aparece na Parte III da *Ética*, onde o filósofo define da seguinte forma: “Por afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente, as ideias destas afecções” (EIII, def.3). Deleuze (2002, p. 56) afirma que afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante. Ao fazer uso da noção de afeto, percebemos que vai além de conceitos filosóficos, pois também reflete sobre o comportamento humano, ao que favorece ou dificulta a nossa potência de agir, e o quanto considera útil o conhecimento destes para o modo de conhecer as coisas, o mundo e a si mesmo.

Espinosa pensa a afetividade humana de maneira diferente daquela pela qual foi pensada na tradição filosófica do sec. XVII, que considerava os afetos apenas do ponto de vista da paixão, deixando um indivíduo passivo e sem capacidade para a aquisição do conhecimento, e que “o homem sob pressão dos afetos é impotente e inconstante” (CHAUI, 2016, p.288). Contrapondo esse modo de pensar, a filosofia de Espinosa busca fazer uma reflexão sobre o comportamento ético do ser humano, mediante o que sua ação pode ser transformada de acordo com os afetos aliados a razão, contribuindo à construção do conhecimento, e não dificultando, o que implica, em outras palavras que, ser afetivo não corresponde necessariamente a ser passivo. Para o filósofo, a razão aliada aos afetos tornar-se mais forte, essa é a forma que mais se aproxima da própria natureza, assim, a razão pode ser afetiva e os afetos podem ser racionais, como escreve Espinosa:

A razão nada postula contra a Natureza, ela postula portanto que cada um se ame a si mesmo, que busque o seu útil, o que é deveras útil, que apeteça tudo que deveras conduz o homem a uma maior perfeição, e falando absolutamente, que cada um, o quanto está em suas forças, se esforce por conservar o seu ser (EIV, P18, esc.).

<sup>3</sup> Espinosa define os afetos como “as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias dessas afecções” (*Ética*, III, def. 3)

<sup>4</sup> “Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante” (Cf. Deleuze. Espinosa: filosofia prática, p.56,).

É comum pensarmos, a princípio, que agimos frequentemente de maneira mais racional do que qualquer outra forma, e que nosso comportamento procura diminuir os afetos e nossas emoções, desde alguma decisão simples e prática do cotidiano, até a mais importante. Dessa forma, fica perceptível a primazia da linguagem analítica, construída pelo pensamento racional, e que considera pouco relevante a percepção das experiências através dos sentidos do próprio corpo, dos afetos, que também definem nosso modo de expressão e comunicação com o mundo.

Assim, aspectos racionais são mais evidentes que aspectos sensíveis, que também contribuem para o conhecimento da realidade, mas ainda a razão continua sendo forte poder de decisão. Ainda é habitual ouvirmos que o homem age pensando que sua razão é primordial, e é isso que lhe faz superior. O pensamento e sua razão protagonizam as estruturas já formadas, e traz como coadjuvante o corpo e seus sentidos.

Por essa influência, a determinação e a manutenção da razão são evidenciados no curso histórico, na demarcação de cada período, de cada sociedade exposta a esse padrão arquitetado e construído com bases sólidas em seu uso.

Com efeito, Chauí (2016) apresenta o pensamento de Espinosa como um contradiscurso do modelo de pensamento vigente em sua época, quando afetos eram diminuídos e desprezados nos processos de conhecimento, e ainda considerados contrários à ordem natural das coisas. Esse era um discurso dos filósofos moralistas, que usavam o conceito de lei moral para fomentar a superioridade do discurso racional, essa mesma lei que garante a ordem e a obediência, que para Espinosa não traz conhecimento algum. “Quase todos que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais [...], mas de coisas que estão fora da natureza” EIII, pref.

O filósofo rompe mais intensamente com essa linha de pensamento quando recupera o sentido grego de *ethos* (ἦθος): é a definição do homem tal como ele é: modo ou maneira de ser, e separa na sua obra a ética e a moral, colocando esta última junto à religião e definindo ambas como sistemas que impõem certos deveres ao homem (ESPINOSA, 1983).

Fica claro, portanto, que para Espinosa, a Ética nada tem a ver com a moralidade, e é por essa via que se deve ler a sua obra e a sua antropologia. Contudo, mesmo com o rompimento do filósofo com essa tradição moral, observa-se em seu período histórico e filosófico, os afetos submetidos à superioridade racional. A essa autoridade da mente, Espinosa escreve em seu prefácio da Terceira Parte da *Ética* que ninguém, até então, determinou a natureza e as forças dos afetos, e que ninguém sabe o que pode a mente para moderá-los, e retira o poder tão

evidente que era dado a mente. Tal implicação, simples e recíproca, é apontada na mesma parte da *Ética*, em seu escólio da proposição 2:

Ademais, ninguém sabe de que maneira e por quais meios a Mente move um corpo, nem quantos graus de movimento pode atribuir ao corpo, nem com que rapidez pode movê-lo. Donde segue que quando os homens dizem que esta ou aquela ação se origina da Mente, a qual tem império sobre o Corpo, não sabem o que dizem, e nada outro fazem senão confessar, por belas palavras, que ignoram a causa daquela ação sem admirar-se disso.

Há, na filosofia de Espinosa, um processo interno da mente e um externo do corpo, existente como uma só entidade, pensamento e extensão não atuam um sobre o outro, são um só. Tudo o que ocorre numa ordem material implica uma correlação de ordem mental. Assim, para Espinosa, a substância pensante e a substância extensa constituem uma e a mesma coisa, compreendida ora através deste, ora através daquele atributo, e a relação entre ambos é de correspondência.

Adiante, descreveremos como a visão e o conceito do corpo foram se transformando ao longo do tempo, se conectando com a importância dos sentidos que se desenvolviam, juntamente com o conhecimento dos afetos gerados. Deleuze (2002, p.24) escreve que “Espinosa vai propor aos filósofos um modelo onde os afetos e o corpo pode contribuir para a construção do conhecimento”. Espinosa inaugura sua ciência dos afetos determinando como ponto de partida a causalidade afetiva. “Todos os afetos são considerados em si mesmos, naturais e necessários porque seguem da atividade necessária da causalidade natural, visto que só há ciência pelo conhecimento das causas” (CHAUI, 2016, p. 295).

Inteligência e sensibilidade não são mais faculdades distintas e separadas nos processos de conhecimento, pois, mente e corpo se conectam, mesmo sendo coisas diferentes, e são utilizados sem hierarquia, a busca dessa harmonização mostra uma possibilidade para a liberdade do conhecer que só usando a razão pura, congestionada e reprime. Considerando como um complexo uno de pensar e sentir concomitantemente, sem superioridade, Espinosa vê a relação do conhecimento através dos afetos e da razão como uma via que é identificada por Deleuze em uma de suas teses mais famosas conhecida pelo nome de paralelismo, que, segundo Deleuze (2002), recusa qualquer eminência de um sobre outro.

Nesse novo momento, mais prático, material, mais orgânico também, a fisiologia de hoje comprova a interação entre o corpo e o cérebro, o corpo e a mente. Mesmo numa época que o avanço da medicina não elucidava e comprovava essa explicação através de um processo científico, a intuição de Espinosa se erguia e se iluminava para afirmar essa ligação, “a Mente deve perceber tudo o que acontece no Corpo humano” (EII, dem.14).

Na filosofia, houve com Espinosa uma referência outra para olhar um ser mais harmônico em sua relação do corpo com sua mente, mesmo com o grande desenvolvimento da racionalidade e o homem considerado o produtor de seu conhecimento, uma nova concepção sobre o corpo surgiu. “Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo” (DELEUZE, 2002, p.23). Um corpo que afeta e é afetado, que sente e interpreta as experiências como forma primordial de conhecimento e percebe o que ele é capaz quando esse afeto aumenta sua potência de ação no mundo.

Mente e corpo para Espinosa são modos finitos dos infinitos atributos de Deus. O conceito de Deus ou Natureza para Espinosa é a sua teoria da substância única (o que existe em si e por si é concebido, ou seja, Deus), infinita e imanente, a natureza divina que engloba tudo o que existe.

Em seu conceito sobre Deus<sup>5</sup>, não há transcendência, ele não está situado em outro mundo. Deus ou Natureza é concebido como causa de si, em si e causa produtora de todas as coisas existentes. Isso significa que tudo o que existe ou é um atributo, ou seja, aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela, e segue que deve ser concebido por si, infinito, ou um modo (expressão da substância) finito, expressão da única Natureza.

Corpo e mente expressam a única Natureza por serem concebidos pela única substância: “A Mente e o Corpo são uma só e a mesma coisa que é concebida ora sob o atributo do Pensamento, ora sob o atributo da Extensão” (EIII, P2, esc.) Dessa forma, não há qualquer relação de hierarquia entre a mente e o corpo, “A potência de pensar de Deus é igual à sua potência de agir” (EII, P7, cor.).

A reflexão que nos interessa nesse percurso é como agir no mundo aliando a razão e os afetos, provocando encontros diversos que somam conhecimento para si. A questão é: como o corpo, enquanto expressão do ser especificamente humano consegue se igualar perante a razão na construção de conhecimentos e experiências, de forma dinâmica e eficiente.

Espinosa assevera que “A mente não conhece a si própria senão percebe as ideias das afecções do Corpo” (EII, P23, dem.). Como vimos, as afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo, produzidas nos encontros com outros corpos exteriores, dessas afecções decorrem a produção de afetos no indivíduo, que sente de modo particular e subjetivo, e que revela um pouco mais sua identidade a cada novo encontro com outros corpos.

Contudo, na relação do conhecimento através da afetividade, Espinosa propõe o conhecimento das “noções comuns”, que se referem às composições do nosso

---

<sup>5</sup> E,I dem.6: “Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”.

corpo com os corpos exteriores, por elas, compreendemos que, se há composição, é porque há algo de comum entre o nosso corpo e certos corpos exteriores.

“Uma coisa singular qualquer, cuja natureza é inteiramente diferente da nossa, não pode favorecer nem entravar o nosso poder de agir, e, de maneira geral, nenhuma coisa pode ser boa ou má para nós, a não ser que tenha algo em comum conosco”(EIV, P29). Trata-se de um esforço nosso de reinterpretar e refletir sobre nossa vida em relação às paixões, esforço esse, que nos torna mais ativos e menos submissos em nossas interações.

O conhecimento dessas noções comuns é importante, pois, quando as reconhecemos, podemos nos compor com esses corpos que possuem algo de comum com o nosso corpo, e aumentamos a capacidade de agir do nosso próprio corpo, segue-se disso que “a Mente é tanto mais apta para perceber adequadamente muitas coisas, quanto mais seu Corpo tem muitas coisas em comum com outros corpos” (EII, P39, cor.).

Portanto, a mente aumenta sua capacidade de produzir ideias adequadas<sup>6</sup>, que convêm com a razão, e possibilita desenvolver o conhecimento das coisas de forma mais verdadeira, aumentando a capacidade de conhecer a si próprio nas relações de encontros com os corpos exteriores. Na complexidade do conhecimento envolvendo mente e corpo, Espinosa afirma que: “A Mente humana não conhece o próprio Corpo humano nem sabe que ele existe senão pelas ideias das afecções pelas quais o Corpo é afetado” (EII, P19). Chauí (2016) complementa que a mente está encarnada em seu corpo e ele é a via de acesso ao mundo e a si mesma.

É possível perceber uma relação entre experiência afetiva e o conhecimento ordenados através da razão. Na razão trabalha-se a reordenação da experiência afetiva e o próprio pensamento, desenvolvendo um processo de autorreflexão, pois se busca conhecer a natureza da própria mente. Para discorrer sobre a afetividade, o filósofo introduz dois conceitos fundamentais: os conceitos de ação e paixão, que referem-se à afetos que são paixão e afetos que são ações. Essa diferença possibilita pensar a vida afetiva não apenas em termos do ponto de vista da paixão, como as doutrinas morais no estoicismo, que consideravam os afetos concebidos apenas de maneira viciosa e perturbada, e deixavam o homem passivo quando influenciado pelas paixões.

O tratamento da vida afetiva que Espinosa propõe é diferente da concepção de Descartes, que define a paixão da alma como efeito da ação do corpo sobre ela, ele afirma: “não observamos que exista algum sujeito, que aja mais diretamente sobre nossa alma do que o corpo ao qual está unida; e que conseqüentemente, devemos

---

<sup>6</sup> Cf. E, II, def. 4: Ideia adequada é “Uma ideia que enquanto é considerada em si, sem relação ao objeto, tem todas as propriedades ou denominações intrínsecas da ideia verdadeira”.

pensar que aquilo que nela é uma paixão, nele é habitualmente uma ação” (DESCARTES, 1987, art.2).

Espinosa não considera que as causas exteriores responsáveis pela explicação das paixões da alma (lemos mente em Espinosa) remetam à ação do corpo sobre ela, nem que os movimentos do corpo remetam a alguma ação da mente sobre o corpo. O que é paixão na mente não pode ser ação do corpo, pois não há essa correspondência. “Nem o Corpo pode determinar a Mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento, ao repouso ou alguma outra coisa (se isso existe)” (EIII, P2), e ressalta no seu escólio “a experiência nos ensina que os decretos da Mente não são nada outro que os próprios apetites, os quais por isso, são variáveis de acordo com a variável do Corpo”, o que é paixão no corpo, é paixão na mente, assim ocorrendo com as ações. Uma ação é definida quando o indivíduo é causa adequada de uma afecção, nos outros casos, ocorre uma paixão.

A causa adequada para Espinosa é aquela cujo efeito pode ser claro e distintamente compreendido por ela, assim é quando somos ativos e agimos, isto é, “quando de nossa natureza segue em nós ou fora de nós algo que pode ser entendido clara e distintamente só por ela mesma” (EIII, def. 2).

Um indivíduo ativo é aquele que tem mais possibilidades de reconhecer que suas ações são realizadas a partir de sua própria natureza, portanto, quanto mais ele age, mais garante entrar em contato com sua própria natureza. Para explicar a paixão, o filósofo diz que “padecemos quando em nós ocorre algo, ou de nossa natureza segue algo de que não somos senão a causa parcial” (EIII, def.2). É quando ocorre de sermos *causa inadequada* de alguma coisa, nesse caso, somos influenciados e constrangidos por forças externas que determinam o modo pelo qual agimos.

Espinosa pretende entender os afetos para cada vez mais utilizar-se deles de forma a tornar o indivíduo mais ativo, pretender conhecer os afetos envolve, por conseguinte, conhecer a mente e o corpo. “Aumento da sensibilidade afetiva do corpo e aumento da potência de pensar da mente, portanto, vão de par: o que uma mente pode conhecer é correlato ao que um corpo pode experimentar” (SÉVÉRAC, 2009).

O conhecimento tem sua potência aumentada quando busca a perfeição, ou seja, quando se passa de um estado de potência menor para um maior, através dos afetos, e passar de um estado de tristeza para um estado alegre é um aumento de potência, pois estimula uma ação de modo a que se realize. “Esforçamo-nos para fazer que aconteça tudo o que imaginamos conduzir à Alegria, ao passo que nos esforçamos para afastar ou destruir o que imaginamos opor-se a isso, ou seja, conduzir à Tristeza” (EIII,P28). Nessa relação, é demonstrado o desenvolvimento da potência do conhecimento como afeto.

O desenvolvimento da potência de ação do conhecimento traz a aptidão da mente em perceber e conhecer um grande número de coisas quando o corpo é afetado de um grande número de maneiras pelos corpos exteriores, conforme lemos:

Com efeito, o Corpo humano, é afetado de múltiplas maneiras pelos corpos exteriores, e é disposto de modo a afetar os corpos externos, e é disposto a afetar os corpos externos de múltiplas maneiras. Ora, a Mente humana deve perceber tudo o que acontece no Corpo humano, logo, a Mente humana é apta a perceber muitíssimas coisas, e é tão mais apta etc. C.Q.D. (EII, P14, dem.).

Espinosa fala que naturalmente todos os corpos têm a tendência em procurar a sua conservação: “Cada coisa, o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser” (EIII, P6). Esse esforço por perseverar no seu ser, é o que Espinosa chama de *conatus*, “o esforço pelo qual cada coisa se esforça para preservar o seu ser não é nada além da essência atual da própria coisa” (EIII, P7).

Esforço é a tradução de *conatus*, “quando referido à só Mente, chama-se Vontade; mas quando é referido simultaneamente à Mente e ao Corpo, chama-se Apetite, que portanto não é nada outro que a própria essência do homem, de cuja natureza segue necessariamente o que serve para a sua conservação; e por isso o homem é determinado a fazê-lo” (EIII, P9, esc.). Quando esse apetite torna-se consciente em nós, Espinosa chama de desejo “entre o apetite e o desejo não há nenhuma diferença, senão que o desejo é geralmente referido aos homens enquanto são cômicos de seu apetite, e por isso pode ser assim definido: o Desejo é o apetite quando dele se tem consciência” (EIII, P9, esc.).

Através dos encontros entre os corpos e suas respectivas afecções, resultará o conhecimento do homem sobre o que lhe convém, levando a formação das noções comuns, conforme vimos se referem às composições do nosso corpo com os corpos exteriores, e que afirmam nossa existência, pelo fortalecimento do *conatus*.

Na Parte V da *Ética* a afetividade pode ser analisada como objeto de conhecimento racional, como aponta Chauí, pois se busca a compreensão do que se passa no corpo, segundo a ordem e a conexão das ideias quando determinadas pela própria mente.

Nessa referência, compreendemos as afecções corporais a partir do conhecimento de suas ideias na mente, o afeto não tem mais a coisa externa como causa, e sim a nossa própria mente. Ela pode conectar o afeto à ideia de uma causa interna para que seja destruído como paixão do ânimo e torná-lo ativo (CHAUÍ, 2016, p. 541).

Com efeito, não se trata mais de uma descrição extrínseca dos processos vividos, ou de suas classificações, mas de um conjunto de afetos a partir de princípios que são independentes de influências externas, e que buscam nesse

momento, a moderação das paixões passivas, fazendo a transição para a liberdade, com a autonomia do indivíduo.

A questão é saber como o homem pode ser a causa ativa de suas próprias ações, considerando que as forças externas constroem e determinam as ações humanas, como um mar que está aberto ao encontro dos ventos.

Sévérac afirma que a filosofia espinosista propõe tomar a afetividade humana um objeto de conhecimento racional e visa o aperfeiçoamento ético por meio da produção de afetos liberadores. “O projeto spinozista nos propõe uma ética do conhecimento que se distingue de uma moral da obediência; mas não se trata nunca de conhecer por conhecer, trata-se de conhecer para ser afetado de tal forma que possamos viver felizes” (2009, p. 17).

Com efeito, cabe-nos a seguinte pergunta aqui: Como aumentar nossa potência de agir de modo que aumente nosso poder de ser afetado, e nossa capacidade de produzir afetos úteis?

Ir o mais longe possível naquilo que podemos, essa é a tarefa propriamente ética. É isso que a *Ética* toma como modelo para o corpo; pois todo corpo estende sua potência o mais longe que ele pode. Em certo sentido, todo ser, a cada instante, vai o mais longe que pode. “O que pode” é o seu poder de ser afetado, que é necessária e constantemente preenchido pela relação desse ser com os outros (DELEUZE, 2007, p. 186).

Com isso, o poder de ser afetado se apresenta como potência para agir, concordando com a proposição 38 na quarta parte da *Ética* onde Espinosa incita: “É útil ao homem o que dispõem o Corpo humano tal que possa ser afetado de múltiplas maneiras ou que o torna apto a afetar os Corpos externos de múltiplas maneiras”. Quanto maior a aptidão afetiva, maior é a capacidade da mente de pensar várias coisas simultaneamente. Quanto menos um corpo é afetado, mais é restrito à diversidade, e por consequência, sua resposta ao meio se torna mais limitada aos problemas e desafios que o mundo oferece.

O filósofo proclama que “o Desejo de viver, agir, etc., felizmente ou bem é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual cada um se esforça por conservar o seu ser” (EIV, P21, dem.). Contudo, o desejo precisa ser razão para tornar-se virtude da mente, igualando a potência afetiva e a potência intelectual, segundo CHAUI (2009, p. 73): “A natureza afetiva da razão ou a razão como desejo é a chave da paixão para a ação, da inadequação à adequação, da impotência à potência”.

Assim, é esse jogo de forças dos afetos que determina e fortalece a ação do homem no mundo, enquanto tem o poder de fazer as coisas que só podem ser compreendidas pelas leis de sua natureza. Sem hierarquia entre corpo e mente, essa

é a chamada e o convite de Espinosa à vida livre nas experimentações e nas ações originadas das leis de sua própria natureza.

## Referências

- ABAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*, 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BOVE, L. *La stratégie du Conatus*. Paris: Vrin, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Espinosa e a psicologia social*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CHAUÍ, M. *A nervura do real I*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A nervura do real II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2017.
- DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Trad. João Gama. Portugal: Edições 70, 2004
- \_\_\_\_\_. *As paixões da alma*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Junior. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- ESPINOSA, B. Trad. de Marilena Chauí, Carlos Lopes de Mattos, Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Antônio Simões, Manuel de Castro. Coleção Os Pensadores. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Tratado teológico político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Tratado Político*. Trad. Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência completa e vida*. Trad. J. Guinsburg e N. Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Ética*. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. ed. bilíngue. São Paulo: EDUSP, 2015a.
- \_\_\_\_\_. *Tratado da emenda do intelecto*. Trad. Cristiano Novaes de Rezende. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2015b.
- \_\_\_\_\_. *Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*. Trad. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Luis César Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GLEISER, Marcos A. *Espinosa e afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- JAUQUET, C. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Trad. Marcos Ferreira de Paula, Luis César Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MARTINS, A. (Org.) *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. Santiago, H. Oliva, L. César (org.) *As Ilusões do eu Spinoza e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- MORA, F. *Dicionário de Filosofia*, Tomo III, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- SILVA, F. L. *Descartes, a metafísica da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- TEIXEIRA, L. *A doutrina do modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo: Unesp, 2001.

Submissão: 21. 06. 2019 / Aceite: 30. 08. 2019